



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O Caso Aimée, História e Ficção
Autor	LAURA SAN MARTIN
Orientador	MARTA REGINA DE LEO D AGORD

O Caso Aimée, História e Ficção

Autor: Laura San Martin

Orientador: Marta Regina de Leão D'Agord

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No presente trabalho, vamos pesquisar a relação entre a teoria e a ficção. Utilizamos como textos-base o estudo de caso apresentado na tese de doutoramento em psiquiatria de Jacques Lacan (1932) e o contraponto feito por Jean Allouch em seu livro chamado "Paranoia - Marguerite ou a Aimée de Lacan" (1994/2005).

O caso Aimée, como ficou conhecido, tem elementos muito ricos no campo da psicopatologia. O objetivo deste trabalho, então, é problematizar as duas interpretações acima referidas considerando o distanciamento crítico que esse intervalo de tempo nos permite. Pretendemos considerar as diferentes teorias e informações às quais temos acesso. Dessa forma, tencionamos refletir sobre a narratividade de um caso clínico, considerando os seguintes aspectos: o lugar daquele que escuta um paciente e escreve um caso, a relação transferencial, o contexto histórico, a quem se dirige o autor do caso. A partir desses aspectos, não há como não reconhecer a dimensão ficcional na construção de um caso clínico.

Como método, trabalhamos com a leitura-escuta psicanalítica, a qual se caracteriza por analisar criticamente o conteúdo manifesto. Assim, no que se apresenta ao olhar como relação entre signos, poderá desvelar, para a escuta psicanalítica, uma relação entre os significantes.

Na leitura da tese de Lacan, foi possível identificar um momento de descoberta, quando, após uma minuciosa análise do estado da arte na psicopatologia que lhe era contemporânea, Lacan se sentiu impelido a procurar respostas na psicanálise. Como resultado, ele criou uma nova nosologia de psicose. As psicoses passionais estavam muito em voga, e Lacan se inspirou nelas para propor a paranoia de autopunição. Na paranoia de autopunição, o superego é muito cruel e pune constantemente o sujeito. Dessa forma, Aimée, ao agredir a atriz, além de estar atacando o seu ideal, estaria punindo a si mesma.

Examinamos também a forma como Lacan chegou ao que Allouch chama de teoria sororal. Esse nome está relacionado ao desejo de Aimée de agredir a sua irmã mais velha e sua perseguidora, Élise. Sendo muito crítica e tendo tido grande influência na vida da paciente, essa irmã é também uma projeção de um ideal e, mais tarde, matriz dos protótipos das perseguidoras em seu delírio. Lacan salienta, no entanto, que esse ódio teria sido transferido, por projeção, para protótipos do ideal, por exemplo, a atriz. Dessa forma, quando Aimée agrediu um dos protótipos de Élise, ela estaria atacando o seu próprio ideal de eu.

Sessenta anos depois, Allouch propõe outra interpretação para o caso. Psicanalista lacaniano, ele utiliza uma pesquisa arquivológica aprofundada e encontra dados aos quais Lacan não tivera acesso. Dessa maneira, ele sugere que o crime foi a forma que a chamada Aimée encontrou de se separar de sua mãe e de evitar cometer o ato que ela inconscientemente desejava: o de matar seu próprio filho. Pois, na fantasia infantil de Aimée, ser mãe significaria matar o filho. Essa fantasia poderia ter origem em um não-dito relacionado a um evento traumático familiar antes do nascimento de Aimée, a morte de uma criança.

Lacan não desconhecia a fantasia filicida como origem do delírio persecutório. Preferira, no entanto, valorizar um aspecto: o efeito do ato de agressão à atriz teria sido a cura do delírio. Nossa leitura revela, portanto, que a relação entre os significantes morte e maternidade tornava impossível para Aimée se identificar como mãe no sentido de que ser mãe necessariamente significa ser filicida. O efeito do ato agressivo teria propiciado a emergência de um sujeito e por conseguinte, a separação da mãe.